



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1508

MEMÓRIA E HISTÓRIA: UMA DISCUSSÃO TEÓRICA

Bruna da Silva Garcia
Universidade Federal do Rio Grande

Resumo: Não é de hoje que o assunto “memória” vem ocupando espaço dentro da academia. Inúmeros são os trabalhos e a diversidade de fontes bibliográficas que dialogam entre essa temática e a História. Pensando nessa aproximação e nessa conversa, este trabalho tem o intuito de discutir, a partir de uma revisão bibliográfica, sobre os avanços e os limites da memória na História. Este trabalho é resultado parcial da dissertação de mestrado da proponente e tem como objetivo traçar um estudo teórico sobre a memória e suas aproximações com a História. O trabalho, inicialmente se valeu dos clássicos “A Memória Coletiva” do sociólogo Maurice Halbwachs (2003); “Matéria e Memória” (2011) do filósofo francês Henri Bergson; “A memória, a história, o esquecimento” (2012) do filósofo francês Paul Ricoeur; “Antropologia da Memória” (2005) e “Memória e Identidade” (2012) do antropólogo francês Jöel Candau e do artigo “Memória, Esquecimento, Silêncio” (1989) do sociólogo e historiador austríaco Michel Pollak, na tentativa de estabelecer um percurso historiográfico sobre a tema. Sabemos que a memória sustenta a vida e a História. A partir de uma conclusão parcial podemos compreender que existem muitas similitudes entre elas e muitas potencialidades; e que alguns limites foram vencidos.

Palavras-chave: Memória; História; Teoria; Filosofia.

1) Sobre Memória: algumas considerações

Este artigo tem o objetivo de pensar a memória como potencialidade analítica na História. Quais são suas aproximações e seus distanciamentos dentro da Historiografia. A partir dos anos 30, o movimento dos Annales¹ foi responsável por modificar a conjuntura acadêmica da disciplina histórica, propondo novas fontes e novas metodologias para a estudo e para a escrita da História. A partir de uma mudança gradual dentro da Historiografia e um rompimento com a história

¹ Movimento historiográfico responsável por transformar a maneira de se pensar e de se discutir a História nos anos 30 e que influencia o discurso historiográfico até hoje, tendo como principais precursores Marc Bloch e Lucien Febvre. IN: BURKE, Peter. A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia. São Paulo: UNESP, 1997.

tradicional², um dos principais aspectos levantados pelos historiadores dos Annales foi a questão da multidisciplinaridade; outras ciências seriam utilizadas, em conjunto com a História pelos historiadores. A partir disso, temos a participação de antropólogos, filósofos e sociólogos, que através dos seus escritos influenciaram e corroboraram para legitimar as produções na área da História. Ora, é a partir dessa “união” que a disciplina histórica se apropria do conhecimento dessas ciências e passa a procurar e estudar novas fontes de pesquisa. Uma delas foi o estudo das memórias (os testemunhos) com relação aos acontecimentos, na tentativa de compreender e diversificar os pontos de vista e as fontes dentro da historiografia. Sobre isso, o historiador Alistair Thomson diz que:

O que motivou esses estudos foram as novas metodologias fundamentadas no esforço de recuperar a experiência e os pontos de vista daqueles que normalmente parecem invisíveis na documentação histórica convencional e de considerar seriamente essas fontes como evidência. (THOMSON. FRISCH. HAMILTON. 2006, pp.75)

O estudo da memória emerge de outras ciências que não a histórica. Primeiramente ela surge dentro da Antropologia e da Sociologia, para após isso, a História se apropriar dos conceitos e adentrar ao campo mnêmico. Atualmente, para nós historiadores, o interesse pela memória emerge para além daquilo que é lembrado; atualmente o interesse está em como a memória surge, em saber qual a origem dela e qual a sua relação dentro da História. Logo, temos mais interesse pela origem da memória do que nas lembranças em si. De acordo com Alistair Thomson, é importante compreender, primeiramente, o “afloramento de lembranças” (THOMSON. 1997, pp. 51). Esse é um campo importante e que é, atualmente, aquilo que tem chamado a atenção de historiadores contemporâneos.

Pensando nisso, qual seria a definição de memória dentro da História? Ela, o ato de lembrar, abriga o passado; ela também serve de abrigadouro para o presente. Ela pode ser, se não o é, um arcabouço de possibilidades e traz consigo inúmeras significâncias. Ela é mantenedora do passado por que ela o presentifica e o ressignifica a partir das vivências da atualidade. Para alguns, ela se distancia da História (MONTENEGRO. 1994, pp. 17), para outros ela é parte atuante de

² O conceito de História Tradicional foi, primeiramente, dialogado pelos Annales na sua primeira geração (Marc Bloch e Lucien Febvre), na tentativa de modificar àquela enraizada nos grandes homens e grandes acontecimentos. IN: BLOCH, Marc. Apologia da História ou o Ofício de Historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

praticamente todos os processos históricos. Partilhando dessa última análise, a História é responsável por presentificar a memória e dar a ela um sentido.

Falar sobre memória requer o diálogo perpétuo com os tempos; passado e presente caminham praticamente juntos. Quando rememoramos, olhamos para o passado com os olhos do presente, com toda a bagagem de experiências. A memória é o futuro do passado: o ato de lembrar a presentifica. Para o historiador Henry Rousso, ela - a memória - é atual. Para ele, ela representa “a presença do passado” (ROUSSOU. 2006, pp. 94). Sobre o tempo e a memória, ele é o plasma em que ela está mergulhada.

Para o historiador José Carlos Reis a memória também pertence ao passado, não colocamos todas as lembranças em uma caixa e as trazemos para o presente, mas lembramos e selecionamos fragmentos da memória, não as resgatamos por completo, mas é como se colhêssemos da árvore da memória, pequenos frutos que representariam as lembranças. Portanto, a memória pertence ao passado e, a partir da reflexão sobre esse passado no presente através da rememoração, é que o presente entra em cena, projetando nas memórias nossas identidades, nossas opiniões e nossas impressões do tempo presente. Então, tempo e memória caminham juntos, se nutrem mutuamente. Um não existe sem o outro. Portanto, é inexequível trabalhar com a memória sem pensar nos processos temporais. Rememoramos e evocamos nossas lembranças a partir do contexto em que estamos inseridos no presente. A memória sempre estará viva inerte na nossa consciência, até a ação de algum estímulo (objetos de memória, lugares de memória, etc.). Corroborando com esse aspecto, o historiador Antônio Mitre diz que “nos sucede no trânsito de uma ponta a outra é passível de inventário pessoal, sempre que a imagem do vivido, latente nos labirintos da alma ou patente nos sulcos do corpo, compareça a luz da consciência.” (MITRE. 2003, pp. 12)

Sobre a memória não sujeita ao tempo, mas aniquilada pelo esquecimento é entendido como um processo de recomposição dos processos históricos e da noção temporal daquilo que é pesquisado. Pensando a atividade mnêmica como um cone invertido³, como abordá-la Henri Bergson, a memória é ambígua - ela tanto pode ser

³Sobre isso: BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: lembrança dos velhos. São Paulo: cia. das Letras, 1994. Ecléa Bosi interpreta os trabalhos do filósofo Henri Bergson que trabalha a memória sob a perspectiva de um cone, percebendo que na base estariam as lembranças, inertes na memória, e na parte superior do cone estariam o presente e as influencias dele nas lembranças memorísticas.

ampla como pode ser contrita, tanto pode pensar o passado mas realocá-lo no presente. Para a psicóloga Ecléa Bosi, o passado é visitado pelo presente frequentemente “[...] o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência.” (BOSI, 1994, p.59) Evidentemente que a memória pertence a todos os tempos sociais, históricos, naturais, ela é ao mesmo tempo individual e coletiva, ela é a-temporal e necessita dos suportes da história e da temporalidade para se legitimar enquanto fator histórico-social. É necessário entender e estabelecer a conexão entre essas três premissas para entender os acontecimentos e se situar historicamente. Corroborando com esse aspecto, o grande historiador do século XX, Marc Bloch defende que é pertinente o conhecimento do presente para que possamos entender esse passado. Logo, os conceitos de memória e tempo fluem para um mesmo rio, o rio da História.

A memória é uma representação do passado, um recorte daquilo que foi e não é mais. Portanto, podemos afirmar que a memória é registro. Existe uma sequência de acontecimentos que armazenamos, ou seja, registramos. Esses registros compreendem a apropriação de imagens e símbolos que a memória agrega, se modificando a todo o instante, logo ela seleciona aquilo que acredita ser importante registrar. Ela compreende uma rede de processos biológicos e sociais (identidade, papéis sociais, vida pública e vida privada, etc.) que desencadeiam uma teia de acontecimentos importantes para a vivência dos sujeitos. Ela é um repositório daquilo que vivenciamos, das nossas experiências sociais coletivas e individuais.

A memória é um conjunto de códigos que compreendem a identidade, pois faz o indivíduo refletir sobre si, sobre o eu, e a consciência que entende o homem a partir da sua autorreflexão, desenvolvendo o seu papel crítico-social. Portanto, a memória é um sistema porque ela compreende a relação entre o homem e o meio, entre o sujeito e a sociedade. Assim como registramos uma fotografia, nós registramos as memórias no sentido de selecionar aquilo que queremos lembrar. Além de registro, ela também pertence ao fluxo do tempo, ele é o rio onde as memórias fluem, utilizamo-nos dele, o tempo, para percorrer as temporalidades da nossa vida. É na memória que observamos as dimensões do tempo, segundo o professor Ivan Izquierdo o fluxo temporal se caracteriza pela ida (do passado para o futuro) e pela volta (do futuro para o passado) e existe somente um ponto de

encontro entre essas duas dimensões: o presente. O passado se legitima pela memória, o futuro se legitima pela incerteza.

Esse ponto evanescente, porém, é nossa única posse real: o futuro não existe ainda (e a palavra *ainda* é uma petição de princípio) e o passado não mais existe, salvo sob a forma de memórias. Não há tempo sem um conceito de memória; não há presente sem um conceito do tempo; não há realidade sem memória e sem uma noção de presente, passado e futuro. (IZQUIERDO, 1989)

E o tempo, é responsável por significar as memórias, elas só existem porque estamos cientes sobre o passado. O passado aqui é representado pela materialidade, pela conservação daquilo lembrando, as representações, as imagens, os objetos, os signos, etc. Então, o conceito de memória e de tempo caminham juntos, eles são inseparáveis.

A memória também é experiência; nós evocamos as nossas experiências. Quando rememoramos o passado, as lembranças partem primeiramente de nossas experiências sociais individuais e coletivas. E a cada momento, as memórias vão se incorporando a partir das nossas vivências no presente, se coadunando com as memórias mais antigas e modificando-as, agregando novos fatos e novos acontecimentos às antigas. Portanto, a memória nunca é a mesma. “[...] é a reflexão do homem sobre sua vida e seu tempo.” (DELGADO. 2010, pp. 48) A memória, nada mais é, do que as experiências vividas pelo sujeito no tempo.

Definir a memória é difícil! No momento, entendemos que ela é o nosso repositório de experiências sociais e coletivas. Para o historiador do tempo presente, Henry Roussou,

A memória, para prolongar essa definição lapidar, é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social nacional. Portanto, toda a memória é, por definição, coletiva. (ROUSSOU. 2006, pp. 94)

E por fim, memória é identidade. Existe uma relação dialética entre esses dois conceitos; a memória permeia várias dimensões das ciências sociais, principalmente aquelas que compreendem o homem (eu) e o tempo. Para o antropólogo Jöel Candau “sem memória o sujeito esvazia, vive unicamente o momento presente,

perde suas capacidades conceituais e cognitivas. Sua identidade desaparece.” (CANDAUI. 2012, pp. 60) É importante a reflexão do sujeito desde a sua gênese (volta ao passado, rememoração), porque é a partir disto que ele constrói a sua identidade, e o seu eu.

2) Memória para a História: relações

Sempre foi difícil para os historiadores estabelecerem uma relação entre a memória e a História. Estudá-la, representa uma valorização daquilo que foi vivido, dando importância às identidades. Além disso, compreender o ato de lembrar é interessante porque ela representa um passado, assim com qualquer outro documento, ela é um fragmento daquilo que existiu. Mais do que isso, memória é reencontro! Nós nos reencontramos nos múltiplos tempos; olhamos para o passado e vimos o nosso eu representado pelas nossas experiências. Então, existe uma relação pertinente entre a memória e a História. De acordo com Lucília Delgado;

Considerando-se a evocação do passado como substrato da memória, pode-se deduzir que, em sua relação com a História, a memória constitui-se como forma de retenção do tempo, salvando-o do esquecimento e da perda. Portanto, História e memória, através de uma inter-relação dinâmica, são suportes de identidades individuais e coletivas, que se formam no processo diacrônico e sincrônico da vida em sociedade. (DELGADO. 2011, pp. 45)

História e memória se nutrem. Ao lembrar o indivíduo usa das contribuições da história para se situar no tempo e na própria História. Compreendemos que a memória é uma representação realista da sociedade, com suas devidas agremiações do presente e as suas perspectivas sobre o passado (pluralidade memorísticas). Então, ela pode ser entendida como a matéria prima da História.

A memória, como campo epistemológico, surge a partir da Sociologia, da Psicologia, e da Antropologia, e é a partir do auxílio destas que a História se apropria e também transforma a memória em um campo de conhecimento histórico. Então, muitos historiadores pensam nas possibilidades da memória para a ciência histórica a partir dessas ciências. Um destes é o sociólogo Maurice Halbwachs (França, 1887-1945) que estabelece ainda no início do século passado as primeiras relações entre a memória e a História. O autor trabalha sob a perspectiva de “Memória Coletiva” e

“Memória Histórica”. Para ele, toda a memória pertencente a um grupo é histórica, mais especificamente quando essas são lembradas por todos aqueles que presenciaram um determinado acontecimento. Além disso, observamos que Maurice Halbwachs trabalha com o conceito de que a memória é vida vivida, ou seja, memória não é a História aprendida, mas é aquilo que vivenciamos. Na relação que Halbwachs estabelece entre a Memória e a História, além das questões que envolvem a historicidade, o sociólogo também utiliza o conceito de “herança”; quando pensamos em determinado acontecimento, que não vivenciamos, comum dentro da comunidade na qual estamos inseridos, justificamos essa lembrança a partir de uma memória comum e recorremos aos testemunhos dos anciãos ou nos livros, na tentativa de legitimar toda a herança que reproduzimos ou ouvimos durante a vida. Fazendo uma analogia à memória da infância, relacionando-a com a História, Halbwachs diz que:

O essencial é que o momento em que compreendemos vem logo, quando a memória ainda está viva. Assim, é da própria lembrança, em torno dela, que vemos de alguma forma raiar seu significado histórico. Pela atitude da gente grande diante do fato que nos impressionara tão vivamente, sabíamos muito bem que ele merecia ser retido. Se nos lembrarmos, é porque sentíamos que a nossa volta todos se preocupavam com ele. Mais tarde, compreendemos melhor por quê. No começo, a lembrança estava muito dentro da borda, agarrada nas ervas das margens. Da mesma forma, as correntes de pensamento social atravessam o espírito da criança, mas somente com o tempo arrastaria consigo tudo o que lhes pertencem. (HALBWACHS. 2003, pp. 82)

Para o sociólogo, existe uma relação de mutualidade entre a memória e História, e essa relação é perpetrada pela experiência e pelas representações sociais. Quando nossas lembranças entram em choque com as lembranças de outros sujeitos, nós as incorporamos e lhes damos novos significados. Então, nós herdamos e adaptamos essas vivências, enriquecendo-as ou arruinando-as.

Contemporâneo de Halbwachs, Henri Bergson (França, 1859-1941) foi seu professor ainda na universidade. Filósofo francês, adentrou o campo da filosofia da história com suas pesquisas no campo da imagem/memória e da duração (tempo). “Matéria e Memória”, escrito em 1896, é uma das obras pioneiras no que diz respeito a temática desta pesquisa. Para Bergson, a relação entre o sujeito e o meio é regido pela matéria, que são imagens e representações da realidade que rodeiam o espírito dos sujeitos, e a memória que é aquela que rege esse processo. Além disso, o filósofo ainda acrescenta o tempo, chamando-o de duração, ele é responsável por

deixar perceptível ao homem as noções de passado e presente, Bergson classifica a memória como elástica, com estágios e de acordo com o nível de “intelectualidade” do espírito humano ela se manifesta. Distingue-se duas percepções, que Bergson chama de “trabalho intelectual”: a memória mecânica, aquela que lembramos habitualmente, podemos chamá-la de memória hábito. E as memória mais “expansivas” que contam com uma profundidade intelectual mais avançada dos sujeitos. Segundo o filósofo francês Gilles Deleuze, articulador da obra “Memória e Vida” que trabalha alguns dos principais pontos das teorias de Henri Bergson:

São duas concepções radicalmente diferentes do trabalho intelectual [memória]. De acordo com a primeira as coisas se passam mecanicamente e por uma série totalmente acidental de adições sucessivas. A cada momento de uma percepção atenta, por exemplo, elementos novos, que emanam de uma região mais profunda do espírito, poderiam juntar-se aos elementos antigos sem criar uma perturbação geral, sem exigir uma transformação do sistema. Na segunda, ao contrário, um ato de atenção implica solidariedade entre o espírito e seu objeto, é um circuito tão bem fechado, que não poderia passar a estados de concentração superior sem criar um mesmo número de circuitos novos e completos que envolvem o primeiro e que só tem em comum entre si o objeto percebido. (DELEUZE. 2011, pp. 57) [grifo da autora]

A partir dessas duas perspectivas, Bergson faz uma distinção ainda mais sucinta, utilizando os termos de “memória-hábito” e uma “memória-lembrança”, sendo a primeira a experiência marcada pela presença do presente; já a seguinte, tem uma associação direta com o passado. Ainda assim, as duas memórias propostas pelo filósofo estão ligadas ao passado histórico e possuem elos com as experiências vividas. Contudo, são diferentes, por apresentarem finalidades diferentes. Pensar na memória como potencialidade ao estudo da História é pensar nas percepções dos sujeitos com relação aos acontecimentos. Para Bergson, é a relação entre essas percepções e os diálogos estabelecidos entre o passado e o presente que justificam a existência da memória.

Observando estes aspectos, e buscando também uma aproximação entre a memória e a História, o filósofo e historiador francês Paul Ricoeur estabeleceu as bases da epistemologia da memória e da História. O autor defende, ferrenhamente, a memória como a base fundamentadora da História, e é somente através dela que conseguimos olhar para o passado e nos ligar a ele. Segundo Ricoeur, “[...] não temos outro recurso a respeito de referências ao passado, senão a própria memória.” (RICOEUR. 2012, pp. 40) Para ele, a memória está intimamente ligada a

História, às experiências e às vivências. O trabalho do historiador parte de duas vertentes da epistemologia filosófica: Edmund Husserl⁴ e Henri Bergson. Em seu livro, Paul Ricoeur pensa em uma fenomenologia da memória, termo que exprime seus estudos sobre a teoria de Husserl. Nesse sentido, a fenomenologia apresenta o pensamento sobre as experiências dos sujeitos e a reflexão sobre ele, ou seja, é a percepção de si e dos outros. Na “fenomenologia da memória”, proposta por Ricoeur, é dar sentido as memórias, tornando-as singulares, dando sentido as histórias e experiências individuais, às identidades.

Além disso, Paul Ricoeur trabalha com duas questões fundamentais - a imaginação e o esquecimento. Ele observa o ato de lembrar como um processo inverso ao esquecimento, como um ato de resistência. Portanto, memória e esquecimento são opostas, mas se complementam. Um não subsiste sem o outro, logo, o grande intuito da memória é lembrar para não esquecer, sobre isso;

É de fato o esforço de recordação que oferece a melhor ocasião de fazer “memória do esquecimento”, para falar por antecipação como Santo Agostinho. A busca da lembrança comprova uma das finalidades principais do ato de memória, a saber, lutar contra o esquecimento, arrancar alguns fragmentos de lembrança à “rapacidade” do tempo. (RICOEUR. 2012, pp. 48)

As memórias e a História possuem uma relação intrínseca. Pensar nessas duas faculdades é observar a necessidade de compreendê-las e de estudá-las em sua completude.

3) Considerações Finais

A partir deste artigo, podemos concluir brevemente que a memória possui um universo enorme de contribuições para a História. Ela foi também a responsável por destituir o documento escrito como o único meio de levar nós, os historiadores, as “verdades” na História. Ela permite valorizar aspectos vividos por indivíduos sociais e é responsável por sempre traçar diálogos interessantes e pertinentes para disciplina histórica. March Bloch, que já foi citado aqui, fala que as verdades e as incertezas na historiografia existem sim, e em todas as fontes. Mais do que isso, a memória tras

⁴ Filósofo do final do século XIX e início do XX, foi responsável por criar o conceito de “fenomenologia” que basicamente trabalha com os fenômenos e a reflexão sobre eles.

consigo uma questão importante para a História: a singularidade. Quando trabalhamos com as memórias, sabemos que em sua essência, cada sujeito expressa-as de forma singular e única. Sabemos que o passado está presente, ele é o presente. O célebre Marc Bloch nos diz que o passado é “um ponto minúsculo e que foge incessantemente; um instante que mal nasce morre. (BLOCH, 2001, pp. 60) Nós somos o reflexo desse passado. Caminhamos pelo tempo e contruímos o nosso presente a partir das vivências neste passado.

4) Referências Bibliográficas

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução: Paulo Neves - São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Memória e vida**; textos escolhidos por Gilles Deleuze; Tradução: Carla Berliner - São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança dos velhos**. São Paulo: cia. das Letras, 1994.

BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

CANDAU, Jöel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

VOLDMAN, Danièle. **Definições e Usos**. IN: FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaína. Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: editora FGV, 2006. pp. 33-41.

DELGADO, Lucília. **História Oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

IZQUIERDO, Ivan. **Memórias**. Revista de Estudos Avançados. 2011.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. **Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea**. IN: FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaína. Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. pp. 15-31.

MITRE, Antônio. **O Dilema do Centauro: ensaios de teoria da história e pensamento latino-americano**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

REIS, José Carlos. **O desafio historiográfico**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

RICOEUR, Paul. **La mémoire, l'histoire, l'oubli**. Paris: Éditions du Seuil, 2000.

ROUSSO, Henry. **A memória não é mais o que era**. IN: FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaína(orgs.). Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006)

THOMSON, Alistair. **Recompondo a Memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias**. Revista Projeto História: São Paulo, 1997. pp. 51- 84.